



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 6 de Agosto de 1994 • Ano LI - N.º 1315 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Um aperitivo doce

ALGUNS elementos do Grupo de Bem-Fazer acompanharam-me a ver a carência de habitação naquela grande povoação onde há muito turismo.

Começámos por um aperitivo doce: casa nova para uma família que tem vivido amontoada. Os familiares deram o terreno e a construção é fruto do trabalho do casal e dos amigos que ajudaram. Nós também estivemos presentes. Um fruto de boas vontades e, por isso, nos soube tão bem.

Dali fomos a «uma casa tão pobrezinha», lhe chamou a dona que chegou na altura. Construção já antiga a interromper a estrada. Divisões interiores muito esburacadas, com aberturas, sem portas nem vidros. Muitos amontoados de coisas. Um casal que se juntou, sem leis. Ela com a perna muito doente. Esperam poder sair para acabarem de destruir aquelas ruínas e no terreno se possa construir de novo.

Seguimos até junto de barraca de madeira de casal angolano que fugiu à guerra. Ele tem deficiência numa vista, não pode trabalhar e não tem reforma, pois é estrangeiro. O terreno é baldio e não construíram. Agora, as dificuldades são maiores. Vão esperando...

Outras paragens

Demos umas voltas grandes e fomos para junto de mini-casa encostada a uma decente. Os donos têm vergonha de ser pobres. Aparentemente mostram-se ricos e ali estão naquela miséria. Os familiares vivem honestamente e dizem que os

ajudariam a erguer uma habitação. Triste sinal de pobreza!

Mais uma corrida a observar moradia, subsidiada pela CGD. Nunca pagaram juros e será vendida. O aspecto é feio e perto está uma, da mesma família, a ficar em ruínas.

Outra corrida a alegrar-nos com um andar novo que ajudámos a levantar. A dona ausentou-se com uma das filhas para ganhar o que pediu emprestado. Bom sinal!

Fomos a outra rua, a barracão antigo que a passagem de tractores fez inclinar e desligar o cume. Qualquer dia poderá cair. Abriga duas famílias. Os donos não se entendem para fazer obras.

Nova paragem perto de dois barracões. Se os familiares fossem generosos, poderia no mesmo sítio erguer-se uma casinha. Mas!..., ela, com os filhos, terá de continuar a viver com a mãe, embora não se entendam.

Conselho de Pai Américo

Informaram-nos que há muitas moradias sem casa de banho e, de manhã, despejam os baldes fora da porta, ou no rio que passa perto e onde muitos tomam banho. É terra de muitas mães solteiras e muitos filhos ilegítimos. Sinais negativos do turismo.

Recordo o conselho que Pai Américo me deu, há muitos anos, a propósito do pedatório em terra de muito turismo: «Vai rapaz e põe uma tábuca de salvação àquela gente que se afoga no lixo humano que produz».

Terminámos a tarde amarga com o bolo que uma das senhoras nos ofereceu.

Padre Horácio



Ainda há muitos Pobres a viver assim — em barracas!

MALANJE dia-a-dia

8/7/94

Lembrei hoje aquele Bispo «de pés descalços» duma região africana. É assim: durante quinze dias atende os problemas da sua Diocese — pastorais e outros; na outra metade do mês vai com os camponeses (de enxada ao ombro e pés descalços) para a sua lavra. Somente se distingue pelo pobre anel de ébano que leva no dedo. Incrível! Parece, mesmo. Claro que, à Igreja instalada não parece bem... Que causa impacto, causa. Que nos leva a reflectir, leva.

A primeira coisa que fez o Senhor foi desinstalar os discípulos... Não lhes disse: «Vem comigo para a minha casa, minha cubata». Nem casa nem cubata... Simplesmente: «Segue-Me».

Iminente, sobre todos, o perigo e a tentação da instalação: Uma casa confortável, um meio de transporte, o desafogo económico, uma roda confortável de amigos, os nossos livros e televisão para sabermos como é... Assim, sim, estamos em condições de levar o Senhor até aos confins...

«As raposas têm as suas tocas...» Ele nem uma pedrinha para reclinar a cabeça!

Não teimemos justificar a nossa instalação. Olhemos antes os pés descalços daquele Bispo. Suas pegadas indelévels no pó dos caminhos à mistura com as do seu Povo.

9/7/94

Soube hoje que toneladas de alimentos, em Luanda, estão em perigo de se estragarem. Perante este facto e a fome do Povo sentimos dor e uma certa frustração...

Vemos assim e com mais clareza até que ponto a máquina da guerra obscurece a mente e embota os corações dos homens. Lagartas de caterpillar por onde passam, ficam em trapos os valores humanos.

12/7/94

Almocei hoje com o «Primo» — nosso gaiato desde pequeno. A esposa teve mais um menino. Vivem em Luanda no muceque Palanca, e a sua habitação é uma barraquilha feita com chapas de zinco. Uma boa funjada à maneira angolana. Nem faltou o cafézinho que a esposa, discretamente, foi comprar a uma quitandeira.

O canto de terreno foi-lhes dado pelo Rangel — também nosso gaiato — que vive ao lado numa grande barraca de lona.

Enquanto, fui ruminando a maneira de darmos a estes e outros nossos rapazes uma ajuda para que possam construir a sua casa. Os ordenados que recebem mal chegam para comer...

Cem contos são, aqui, cento e vinte milhões de kuanzas que lhes darão para o cimento e tijolos. Eles sabem construir.

Esperamos uma luzinha verde do nosso Património dos Pobres.

Terra sequiosa e gretada à espera dumas gotas de chuva.

Padre Telmo

Casa do Gaiato de Malanje: Padre Telmo — o Pai — no meio da comunidade.



Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO — «Quando não conseguem casa em qualquer lado, os Pobres vêm logo ter connosco...» — desabafa uma vicentina que faz seus os problemas dos mais carentes. É verdade, somos por missão o último reduto. E é bom que eles nos conheçam — e vice-versa.

Por mais que se diga e faça, o problema da habitação para os Pobres continuará na ordem do dia (Portugal não é só Lisboa e Porto). E nem sempre transparece na via pública. Até por isso mais nos obriga a tomar consciência das suas carências e denunciá-las — porque vítimas dos *cifrões*, da inércia instalada neste mundo cão que, infelizmente, só desperta em circunstâncias muito específicas.

Somos agora abordados por duas pequenas famílias que poderão não ter onde se abrigar... Noutro caso, porém, vimo-nos já forçados a pagar — com o óbolo dos nossos leitores — vinte e cinco contos mensais pelo aluguer da casa dum agregado cujo pai é deficiente!

Apesar das dificuldades inerentes à construção e gestão permanente da verdadeira Habitação Social (em *caixa alta*, substantivada), é imprescindível que esta modalidade não fique restrita às grandes áreas urbanas e suburbanas; mas beneficie também zonas povoadas do interior, especialmente naquelas onde já não seja tão fácil a Autoconstrução — por falta de terrenos e/ou loteamentos. Sobre tudo onde o mercado da habitação *discrimine* os mais pobres, que mal têm para o pão e sopa, quanto mais para um aluguer... de dezenas de contos!

Contudo, atendendo à evolução, não deixa de ser curioso verificar como o Património dos Pobres continua sendo um último recurso para casos específicos.

Achamos oportuno um trabalho documentado que lemos num órgão da Imprensa Não-Diária, de cidade do interior do País, sobre as carências habitacionais a nível concelhio. Levantamento que teria sido muito difícil, mas dá uma panorâmica real das povoações mais ou menos necessitadas, ilustrado com um gráfico de barras! Do ponto de vista oficial, quem tiver ali coragem de abraçar a cruz, e abrir as mãos, não precisará de mais (...), pois tem o diagnóstico da situação.

PARTILHA — Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, 5.000\$00. O dobro da assinante 5471, do Porto: «Não agradeçam nem enviem recibo. Peço orações pelos meus familiares». Três vezes mais, da assinante 5936, de Paço de Arcos — «partilha de Maio/Junho, com saudações fraternas e muita amizade» que retribuimos.

Casal-assinante 11902, do Fundão, «mensalidade de Junho, com votos das bênçãos de Deus». Testemunho de Fé.

Assinante 5897, do Porto: «Cheque de 5.000\$00 para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Gostaria que fosse aplicado em qualquer necessidade de farmácia de um(a) necessitado(a)». A conta do mês, em débito, é bem pesada...!

Assinante 57002, de Matosinhos: «Cheque de 15.000\$00 para os vossos Pobres. Todos os meses o faço com muita gratidão, pois sei que esta

Pelas CASAS DO GAIATO

pequena migalha será aplicada em quem muito precisa. Peço uma oração extensiva aos meus familiares. E, como habitualmente, não quero recibo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

MÃOS ABERTAS À FESTA — Estivemos em tantos lugares e com muitos amigos. Vivemos momentos esplendorosos, de autêntica alegria, ao partilharmos as nossas coisas em espírito de comunhão, sempre em festa. Um ensinamento de Pai Américo traçou as linhas fundamentais deste acontecimento importante na vida das Casas do Gaiato. A Festa é a afirmação de que as realizações que constroem este espectáculo são feitas pelas mãos dos rapazes que vivem e moldam a sua consciência, sentindo os acontecimentos, saboreando «tudo tão simples» e afirmando, em tudo o que fazem, aquilo que Pai Américo dizia: «Eu amo tanto, tanto, tanto as coisas simples!»

A Festa é comunhão que traduz o carinho e a amizade profunda que cada um de nós sente por vós. Procuramos deixar nas vossas mãos aquilo que somos, aquilo que nos envolve através de um espectáculo que reúne e marca tantas mãos. A Festa é sempre uma preocupação que toca cada um de nós. Desde o Luizinho e o Jorginho que são os «Batatinhas» mais pequeninos até aos maiores. São sempre os rapazes que se movimentam no sentido de tornar possível a realização da Festa.

Padre Cristóvão parte para a estrada preocupado com muitas

coisas... Visita as comunidades religiosas, fala com os párocos das localidades. Marca o dia com os responsáveis das salas. Dialoga com tantas pessoas de mãos abertas, procurando inculcar em seus corações a força da mensagem do Amor: — *Façam também a vossa Festa...* E, no fim de cada uma, há sempre uma grande alegria, à volta de uma grande mesa, onde todos têm o seu lugar para conviver com tantas coisas boas. Entra pelas portas da Câmara Municipal de Loures... e, no dia de cada sessão, está em nossa Casa um autocarro para levar os *artistas*. No fim do dia, passeia pelos jardins esplendorosos, de autêntica alegria, caminhando para se recolher. Ao nascer do sol trouxe o texto «Menino da Rua que procura família». Depositou-o na mão dos maiores que tão bem souberam comunicar tantos ensinamentos que foram interiorizando na Festa da vida, quer em nossa Casa quer na sociedade. Vieram mais uma vez juntar-se a nós para abraçarem a vida da Casa. As suas atitudes testemunham aquilo que Pai Américo nos diz: «Ninguém sonha o interesse que tomam os pequeninos pelo trabalho da Casa, quando sabem e sentem que estão em sua casa.»

De facto, as mãos destes casais moldaram o coração de todos nós. Os pequeninos sorriam... Os maiores escutavam. E todos bateram palmas cujo som foi interiorizado por cada um nos palcos e salas repletos de tantos Amigos. Mãos carinhosas que quiseram abraçar as coisas e os acontecimentos desta digressão que ficou mais alegre com a vossa generosidade traduzida numa autêntica dedicação e, mais uma vez, a confirmar o esplendor do amor pelos outros, eternamente olhado pelo Outro.

Os agradecimentos guardámo-los para outro

grande acontecimento na vida das Casas do Gaiato. A Festa dos Baptismos e das Primeiras Comunhões. O nosso obrigado só faz sentido quando é feito em autêntica comunhão. Todos foram convidados para esta Festa. As senhoras que tomaram conta do guarda-roupa quiseram preparar o Altar e as mesas do refeitório para vivermos em alegria e profundidade a magnificência desta celebração. É eternamente uma Festa com Nosso Senhor Jesus Cristo e com a dinâmica do amor que envolve a vida de cada rapaz e de cada Amigo que de muitas maneiras vem ao nosso encontro. Acontecimento que traduz uma abertura para o Amor. Tudo agradecemos. Aquilo que escutámos, tocámos, fizemos e segredámos. Pai Américo disse isto: «Muito gosto eu de pôr flores nas mesas! É verdade; fica a nossa Casa mais alegre!»

A nossa é bonita e fica mais alegre com tantas flores, com tantas mãos que atraem os nossos olhos, o nosso coração. Ficámos todos juntos à volta do Altar, agradecendo ao Senhor tudo aquilo que foi a nossa Festa.

José Manuel Anjos Nunes

CASA DA PRAIA — Por muito que tenhamos imaginado não esperávamos que daquele monte de ruínas surgisse uma grande e bonita casa de praia. No dia 16 de Julho foi a sua inauguração. O nosso Padre Cristóvão convidou algumas pessoas, sobretudo os arquitectos e os engenheiros. Um grande dia! Celebrámos a Eucaristia, honve um bom almoço e à tarde pudemos experimentar a piscina. Por volta das 18,15 h., a despedida dos rapazes que se encontravam em férias.

Repetimos: nunca imaginámos que daquele monte de ruínas surgisse aquela casa! Foi

preciso muito trabalho, muito dinheiro e muito esforço para que aos gaiatos, em férias, não lhes faltasse nada. Que aproveitem o benefício. Esperamos que sim e não surjam problemas, pois estão ainda algumas obras inacabadas e outras por fazer.

O primeiro grupo regressou e o segundo seguiu para lá. Os do primeiro, quando chegaram, juntaram-se aos melhores amigos e contaram como foram as férias. Alguns ficaram tristes. Outros, contentes.

PISCINA — Está diferente. O nosso Padre Cristóvão pediu aos mais velhos que, entre eles, arrandassem alguns responsáveis pela piscina. Um ficou com a rega dos jardins. Outro com a limpeza da piscina. E mais outro com a sua manutenção. Esperamos que os novos responsáveis cumpram e a água fique mais limpa.

JARDINS — Continuam com bom aspecto. Mas se não regarmos, as plantas secam; e a nossa Casa perde cor, vida e beleza. São eles que a embelezam.

BATATA — Praticamente está quase toda apanhada. Foi um trabalho muito duro e ficámos a compreender a atitude dos chefes em trabalho tão cansativo.

Joaquim M. F. Pinto

PAÇO DE SOUSA

EMBELEZAMENTO — O Neca e o seu grupo andam atarefados com a beleza da nossa Aldeia.

Na piscina plantaram relva por detrás da prancha. Também fizeram uma estátua tipo foca.

Na ribanceira da entrada, vários canteiros. Tudo bonito! Esperamos que o Kim-Zé se preocupe com tudo isto.

BAPTISMO — A filha do antigo gaiato, o Sampaio, foi baptizada, em nossa Capela, com o nome de Ana Rita. Padrinhos: Costa e esposa.

CONTENTOR — Mandámos outro contentor para a Casa do Gaiato de Malanje.

Mais do que nós, precisam eles daquilo que lhes mandamos. Além da falta de alimentos, não têm paz nem alegria.

BATATA — A recolha está quase a acabar. O grupo esforça-se, pois o calor estorva bastante o trabalho dos rapazes.

VISITAS — Continuamos a receber visitas, mas agora ao fim-de-semana. Todos aqueles que, por gosto, dedicam o domingo à malta têm oportunidade de ver a alegria deles tomando banho na piscina. E, com certeza, não esquecerão a visita.

PRAIA — O primeiro turno regressou. Todos com saudades do mar, mas já mais descansados para a labuta diária.

O segundo, goza férias para compensar um ano de trabalho. Votos de boas férias!

«Vitinho»

16 DE JULHO — Dia em que Pai Américo partiu para a Casa do Pai e onde está sentado ao lado d'Ele.

Uma data muito especial para nós, gaiatos. Acontece que, este ano, não houve o sabor da festa. O dia foi passado como qualquer outro — no trabalho — e ninguém sentiu a alegria de anos anteriores.

No domingo, 17 de Julho, foi celebrada a grande festa anual dos Antigos Gaiatos do Norte, lembrando a morte do nosso querido Pai Américo. Muitos puderam ver caras que já não topavam há muito tempo. Encontro de irmãos, antigos e novos. Uma grande festa, onde não faltou nada!

Realizámos um encontro de futebol entre as velhas guardas e os craques actuais. Jogo muito emotivo porque os «velhotes», que afinal não são, tinham na mira os 10-1 do último jogo... Houve muitos golos: catorze. Desta vez os «velhotes» beberam pouco... Resultado final: 7-7.

Tudo correu lindamente e agora só restam as saudades e esperar até ao próximo ano, se Deus quiser.

RELATO DE UMA VIDA — Estava a trabalhar e, de repente, entra o «limpezino» para aspirar a secção. Olho para a cara dele e vejo que algo não estaria bem. Não sei o quê! Só ele sabe.

Paro um pouco e pergunto: — Então rapaz o que se passa?

— *Estou a pensar nas férias e não sei quando irei para a praia!* De seguida, indago porque veio para a Casa do Gaiato.

— (...) *porque os meus pais separaram-se e não tinham condições de vida para me sustentar e aos meus irmãos.*

— Sei que tens cá um irmão. E os outros?

— *Um, está na Casa do Gaiato de Setúbal. A minha irmã com a avó.*

— Como passaste os primeiros dias na tua casa nova (Casa do Gaiato)?

— *Chorei e senti muitas saudades da família. Mas, agora, já não sinto tantas. Conseguí arranjar muitos amigos e tenho-me divertido bastante com eles.*

— O que te impressionou mais quando chegaste?

— *Fiquei contente por ter visto uma piscina e um parque. Também os espaços verdes que me rodeiam.*

— O que fazias quando andavas por lá?...

— *De manhã, à escola; de tarde, em vez de fazer os deveres, vadiava com os meus amigos. Muitas vezes a minha mãe ralhava. Agora sinto que fui culpado por não ter ouvido os seus conselhos.*

— Gostas daquilo que fazes?

— *Gosto. Olha, já passei por muitas obrigações. Por exemplo: a lenha. Fui servente no refeitório. Fiz limpeza na casa quatro de cima, etc. Neste momento estou encarregue da limpeza da tipografia.*

— E o que pensas fazer quando fores adulto, cabecinha no sítio?

— *Primeiro que tudo, estudar. Depois, vamos a ver o que será lá prá frente!*

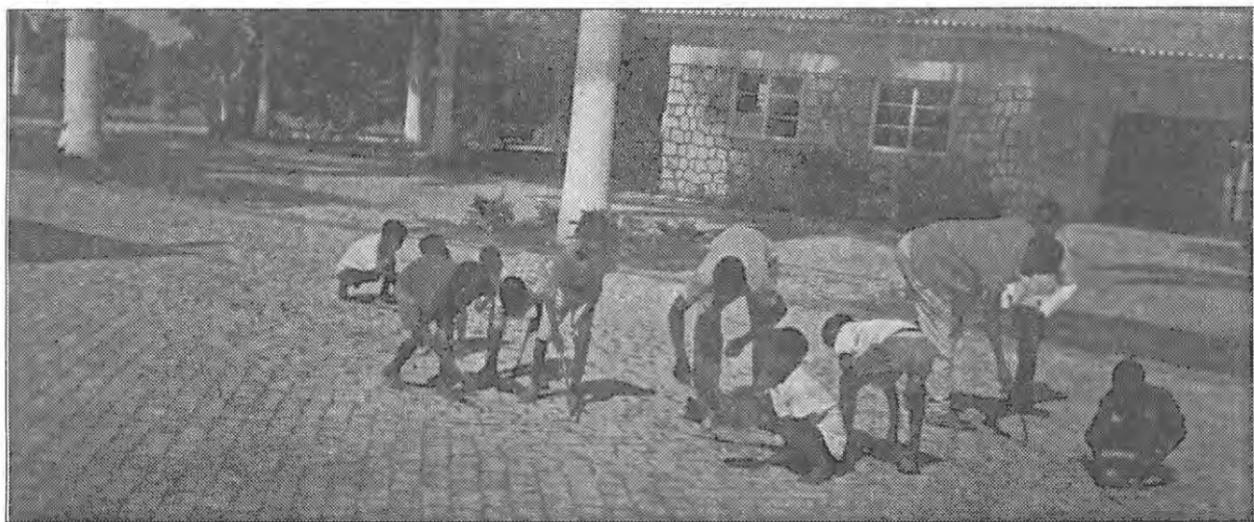
Trata-se do José Manuel Ferreira Nunes, mais conhecido por «Pepino». Nasceu em Lisboa. Tem treze anos. Frequenta a quarta-classe. Está connosco há quatro anos.

Aqui fica o relato de um rapaz que sofreu a vida nas ruas da amargura.

Repórter X



Casa da praia da nossa comunidade do Tojal



Os «Batatinhas» de Benguela, como nas restantes Casas do Gaiato, «trabalham a brincar» — na feliz expressão de Pai Américo.

BENGUELA

CELEBRÁMOS em nossa Casa do Gaiato o dia 16 de Julho, como o dia da Festa da Obra da Rua. Pai Américo, enquanto na terra,

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Realizámos em 19 de Junho o Encontro Anual que, talvez por ser ligeiramente mais cedo do que habitual, registou afluência encorajadora.

Presente, com sacrifício da sua vida pessoal, o Dr. Abel Magalhães. Dedicou-nos algumas palavras que a todos deixaram contentes. Agradecemos.

Tivemos colegas de vários pontos do País, até de Espanha.

O almoço contou com a preciosa colaboração do Bandarra e a ajuda de algumas das nossas mulheres: Bacalhau assado na brasa, com batata cozida, azeitonas, salada de alface e tomate, uma deliciosa canja de galinha e salada de frutas, tudo acompanhado com um «branco» da zona de Santarém, que um nosso colega traz habitualmente.

O Mário Varela trouxe, de Taveiro, um Grupo Musical que fez esse sacrifício. Agradecemos a boa vontade, e apenas lhes preparámos o almoço.

A tarde, uns tomaram banho na piscina, outros jogaram futebol entre novos e antigos. Os primeiros venceram por 2-1, tendo o jogo sido arbitrado pelo Vitor («Totó»), que até marcava *off-sides*, com a bola na área contrária, mais falando do que apitando.

Depois, a merenda bem fomecida de bolos — que obedeceram ao concurso «o mais bonito» — sumos, «brancos» e ainda dois suínos grelhados na brasa, no estilo «corta e assa». Gratos ao nosso Padre João que não se escusou a colaborar, nesta festa para todos.

Aproveitámos para realizar eleições. Presidentes: da Direcção, João Hingá; Assembleia Geral, Manuel Machado; Conselho Fiscal, José Martins de Carvalho. Esperamos que o João e a sua equipa consigam dinamizar mais e mais a nossa Associação. Os responsáveis cessantes cumpriram plenamente.

Lembrámos o nosso colega António Gomes António («Faz-me rir») que, há dias, sofreu um grave acidente de viação e se encontra hospitalizado. Desejamos rápido restabelecimento e o retorno às suas actividades comerciais.

Manuel dos Santos Machado

sonhara com a presença da Obra da Rua em África. Não pôde ver, então, o sonho realizado, porque a morte, segundo o plano de Deus, o impediu. A semente, porém, tinha caído no sulco, foi acarinhada e germinou. Do seio do Pai, onde cremos se encontra, contempla, agora, o fruto da sua vocação.

Acção de Graças

Foi dia de acção de graças. O sr. Bispo presidiu à Eucaristia. Os rapazes animaram a liturgia. Estiveram presentes os trabalhadores e seus filhos. Estes foram os primeiros a consumir os nossos cuidados, ainda antes dos gaiatos chegarem. Foi pelo seu estômago, queimado pela fome, e pelos dos seus filhos que a Casa do Gaiato iniciou a sua caminhada de recuperação. O almoço foi para todos.

No domingo juntou-se a família que já está fora de portas. Foi um dia lindo. Rapazes criados na Casa do Gaiato, com as suas esposas; outros, sozinhos; outros, amigos tão ligados à Casa que se consideram Gaiatos também. Uma nota encheu de alegria especial o ambiente: a multidão de filhos que acompanharam os pais. Foi, de facto, um dia da família.

Degradação das famílias

Não estiveram todos. A situação desgraçada em que se encontra o país, com o seu cortejo de miséria, afecta a vida das pessoas nos seus elementos mais

essenciais. Um deles é a família. A degradação bate à porta de todos. Uns resistem. Outros não. Este foi o tema da mensagem do dia. A família está em primeiro lugar. É necessária para o equilíbrio dos pais e dos filhos. Nenhuma razão se deve sobrepor à família.

A propósito: Hoje mesmo, ao princípio da tarde, fui procurado por uma senhora que é mãe. Está separada do marido. Veio em busca de remédio para acudir ao filho, de 11 anos, que é rebelde, foge de casa, não vai à escola e mais e mais. Queria que a Casa do Gaiato o recebesse.

Conversámos muito a sério e repeti o que tinha dito a outros pais e a outras mães. A sorte dos filhos está no lar que os gerou, normalmente. Muitas vezes os filhos são colocados pelos pais no banco dos réus e eles no lugar dos juizes. Devia ser ao contrário. Os filhos, não raro, são mais vítimas do que réus. Quando o ambiente familiar não é de paz, de harmonia, de unidade e de estabilidade, os filhos são as grandes vítimas. Tocam a música que gravaram à medida que foram crescendo.

Recordo-me, como se fosse hoje, da conversa que um pai me fez para que seu filho, de oito anos, ficasse na Casa do Gaiato. As mesmas acusações que a mãe desta tarde. Perguntei se era casado e se o ambiente familiar era bom. Resposta pronta: — *Tenho mulher, mas a minha casa é um campo de batalha, há muitos anos.* Como quer que o seu filho tenha carinho para consigo? Como há-de gostar de ficar em casa?

Como não há-de ser agressivo? Como quer que ele, um dia, não vá parar a uma cadeia? Aquele pai não tirava os olhos de mim. Mas como? O filho está a tocar a música que gravou no campo de batalha que foi e é o seu lar. Despedimo-nos, ele triste e eu também.

A mensagem da família é para ser entendida pelos nossos. Eles sabem, por experiência, o grande mal que é não ter família ou tê-la como se não a tivessem. Por isso, no Ano Internacional da Família e, em ocasião tão solene, a família foi o tema central. São tantas as agressões sofridas pela família! Necessitam, pois, de estar prevenidos e de remediar os males se, porventura, caírem neles.

Mais: Os que não vieram, por andarem por lá..., não foram esquecidos. Chegou-se à conclusão de que é preciso dar-lhes a mão. São filhos e são irmãos. Com um bocadinho de organização é possível fazer-se o que sem ela não se faz. Daí que surgiu a ideia de se constituírem em Associação à semelhança do que fizeram os antigos gaiatos doutras Casas. E curioso como esta proposta veio ao encontro do que cada um, no geral, trazia guardado em seu coração. O valor humano da justiça e da solidariedade, semeado em suas vidas, à medida que iam crescendo, tem que dar os seus frutos.

Cobrir os nus

Se eu tivesse contentores de roupa havia de cobrir os corpos nus das crianças do

DOCTRINA



Ninguém busque o seu próprio bem... Mas sim o do seu semelhante.
S. PAULO

FOI no dia sete de Janeiro de 1940 que se inaugurou a Casa do Gaiato, com a entrada de alguns pequenos para dentro dos seus muros; dia de Inverno tão rigoroso que houve de se tomar um carro ligeiro e conduzir directamente de suas moradas para a Casa deles, os felizes pioneiros da Obra.

O livro de registos diz que, durante o ano, fizeram ali cura de repouso quarenta e três garotos da Baixa, em lençóis lavados. Dos resultados físicos diz imediatamente a cara de cada um; quanto à parte moral, isso é segredo das almas que só na Eternidade se há-de desvendar.

NEM rendas fixas nem verbas certas nem dotações do Estado nem dádivas da Igreja; única e simplesmente a pobreza dos gaiatos mai-la tua simpatia por eles. Esta é tanta e tão eficaz que me obriga a esquecer o que está feito para fazer muito mais. A gente só dá fé dos perigos por onde passou depois de os ter passado. As dores de ontem são a alegria de hoje. O dia de rigoroso Inverno em sete de Janeiro do ano passado... já passou.

A nota de progresso da Casa é a notícia de que vai ser instalado nela um Posto de Ensino. Os rapazes em cura são, na maior parte, das Escolas Primárias de Coimbra, obrigados a interromper a classe, com risco de perder o ano. Agora não. A professora habilita e apresenta a exame. A sala destinada a ser a da aula tem a sua linguagem própria e já falou das suas necessidades; quer mesas e carteiras, quer cadernos e quadros, quer livros e tinteiros — tudo aquilo que na gíria escolar se chama material didáctico. E também quer um Crucifixo.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

bairro de Nossa Senhora da Graça e doutros sítios. Quando saem dos seus buracos e se apresentam em público, às centenas, fico triste e envergonhado por ver os meus rapazes vestidos e eles esfarrapados e sujos. E fico mudo, porque nem sei de roupa nem de sabão para lhes dar. Temos as batas da escola feitas mas não as podemos usar porque o sabão mal dá para a higiene fundamental. A água não nos tem faltado, graças a Deus.

No final do dia da Festa ouvi este comentário consolador: — *Apesar da guerra,*

a família continua. Não há desenvolvimento social sem o regresso à família.

A panela onde costumamos fazer a comida já não chega. Os rapazes que, antes, não tinham o hábito de comer, desde que chegaram à Casa do Gaiato andam sempre cheios de apetite. Como vão crescendo, as panelas têm de crescer também. O pior é que não sei onde ir buscar panelas grandes. Este é, porém, um mal menor, desde que não falte a comida.

Padre Manuel António

Um dia bem passado

PORQUE disponível, mais e melhor avaliei o encontro anual dos nossos rapazes. Já dias antes os mais responsáveis se tinham reunido para acertar coisas: o que havia de ser o almoço e a merenda, o horário das diversas actividades, o lugar das refeições, a diversidade dos jogos, a colocação das mesas, a distribuição dos trabalhos e mais.

Na véspera, a presença dos trabalhadores: colocação de mesas nos seus lugares, batatas descascadas, fruta preparada para a salada, exame aos assadores de carne.

No dia, logo de manhãzinha, começam a aparecer. Um dos primeiros, como nos anos anteriores, foi o Mário Dinis, o mais velho dos três primeiros que, com Pai Américo, há cinquenta e quatro anos inaugurou a Casa. Comerciante reformado, apresenta-se sempre com humildade

Vistas de dentro

e delicadeza. Vem com a mulher e fazem viagem na automotora. Belo exemplo.

Depois foram chegando os outros. Uns de perto e outros de longe. Alguns vieram de véspera. Todos trabalhadores. A maior parte com os seus carros. Fui vendo-os nas suas profissões: cinco carpinteiros, seis professores primários, seis professores secundários, quatro serralheiros, dois advogados, quatro economistas, três enfermeiros, dois industriais, quatro comerciantes, três da P. S. P. e outros com diversas actividades. Vi uma sociedade organizada.

Tiveram o cuidado com os actos sociais e religiosos. O primeiro encontro foi para ouvir «Frei Semião» na sua comunicação sobre «O

valor da Família». Meia hora bem aproveitada. A seguir foi a preparação dos cânticos e cerimónias da Eucaristia. No cortejo de oferendas apareceu também a segunda filhinha do Dias que tinha nascido uns dias antes. O celebrante recebeu-a da mãe e de novo lha entregou. Gesto sério e autêntico.

O almoço foi animado por um grupo musical que quis oferecer a sua arte. Seguiu-se a tarde desportiva, terminando com o banho na piscina de novo remodelada.

Tudo terminou com a merenda-jantar. Os assadores começaram mais cedo e deram resposta ao apetite das febras frescas.

Com muitos beijos e abraços foi a despedida fraterna: — *Até à próxima, se Deus quiser.*

Um dia bem passado. Que se passe muitas vezes assim.

Só ficámos com mágoa por aqueles que nunca aparecem.

Padre Horácio

AGORA

A Autoconstrução ainda não caiu no goto dos responsáveis da coisa pública

PADRE Horácio tomou a peito a animação deste pelouro importantíssimo que é o de proporcionar casa a quem a não tem; e em cada edição d'O GAIATO vai dando notícias dos seus passos. Naturalmente, notícia que sai, gera resposta. E são várias as que trazem achegas de remédio aos males que são comunicados. Assim se torna possível ir dando a mão a tantos que, sem este estímulo, talvez não encontrassem em si forças para reagir à penúria em que vivem.

É pena que a Autoconstrução não tenha ainda caído no goto dos responsáveis da coisa pública. Li há dias notícias de um concurso de terrenos destinados a este fim — e já me aconteceu tal, mais uma ou duas vezes. Sempre Matosinhos — excepção no mundo das autarquias, aliás com uma obra notável no sector da Habitação Cooperativa. É pena, repito, pois tudo quanto promovesse a Autoconstrução seria medida inteligente a minimizar com grande economia as carências habitacionais que há por todo o lado.

Pouco tempo antes de morrer, o Doutor Martins de Carvalho propôs-nos um trabalho a

desenvolver pelos departamentos jurídicos das Universidades Lusíada e Internacional, no sentido de sensibilizar o Poder político e de preparar estudos que servissem de base para a legislação que não há sobre esta matéria e tão útil seria que houvesse. Não sei se esta acção chegou a ser despoletada nem quais os «herdeiros» deste pensamento daquele grande Amigo. Quem dera que a ideia germinasse e o projecto fosse consumado! Fica aqui o alerta às ditas Universidades, na esperança de que esta notícia chegue a alguém que a não cale e motive outros para que o projecto arranque.

Muitas respostas

Muitas respostas — dizia — aos escritos do Padre Horácio, e algumas especialmente qualificadas como esta dos alunos do primeiro ano I da Escola Preparatória de Amares: «A propósito do Natal, a nossa professora de Português leu-nos esse artigo para vermos que, infelizmente, o Natal não é igual para todos. Então, decidimos juntar esse dinheiro que aí vai». O que pode um professor que não se limita a debitar matéria!

De Lisboa, mãe e filha «pensámos empenharmo-nos em poupar dinheiro, de um modo especial nas compras de Natal. Para além de ser uma oportunidade de ir contra a mentalidade consumista, sentimos muito que o importante é o amor com que devíamos dar a cada um dos nossos Amigos a sua prenda de Natal». E ei-las

com o seu cheque a eleger, entre os seus Amigos, aquela família de dez filhos que nunca viram.

Do Porto, a Maria Teresa e de Fiães, a Adelaide, esta costumeira de todos os meses. De Aveiro, o João Manuel, a quem a «mensagem Vidas na lama chocou muito, bem como minha família». De Coimbra, Irene Maria. De Lisboa, o assinante 17624, mai-lo 32928 com cheques para o Património dos Pobres «que ocupa um cantinho muito especial no nosso coração».

Ainda da Capital, Algés, este desabafo nascido do que «li n'O GAIATO em artigo do Património dos Pobres»:

«Como é bem verdade a importância da ocupação do tempo, na formação e educação das pessoas. Mudar para uma habitação digna é importante, mas tem de ser acompanhada da dignificação da pessoa como ser humano. Há fome, há pobreza, há miséria material, mas infelizmente parece haver cada vez mais miséria moral. Mas como se pode exigir a quem não se dá? Como pretender uma sociedade melhor se os nossos jovens são positivamente injectados com imagens, slogans e literatura em que os valores mais nobres são deturpados, vilipendiados, enovalhados? Como faz falta a pedagogia lúcida, aberta e firme do Pai Américo nas escolas e nas mentes de tantas das nossas entidades responsáveis!»

Voltamos ao Norte, com a presença sempre muito estimada de Vicentinos: as de Vila Chã de

Vale de Cambra. E segue-se o Porto com Verónica a pedir: «Não me agradeça. Reze por mim e pelos meus seis filhos, pois sou viúva há ano e meio».

E esta série termina no Porto com esta carta linda de «um casal de reformados na década dos setenta» que celebraram há pouco as suas Bodas de Ouro e, «com a Graça de Deus, cá nos vamos amparando um ao outro. É uma pequena gota neste mar de tantas necessidades, que O GAIATO nos traz quinzenalmente à memória e que tanto nos alerta para a situação em que vivem tantos nossos irmãos em Cristo.

O Senhor tem-nos acompanhado toda a nossa vida e com a Sua Graça vamos vivendo o nosso dia-a-dia, com a pequena reforma que temos e com os ensinamentos que Ele nos deu.

No último O GAIATO, lemos e releemos o artigo do senhor Padre Horácio "Vidas na Lama" que muito nos sensibilizou. Se puder ser, isso fica à vossa análise, gostaríamos que algo fosse ofertado àquele casal com dez filhos que vivem naqueles casebres. Como digo, deixamos isso ao volume de necessidades mais urgentes que directamente vós conheceis e que tanto nos afligem por pouco ou nada podermos fazer, a não ser as nossas orações ao Pai do Céu.»

Bem haja este casal «na década dos setenta» pelos setenta que nos mandou. Mas mais ainda por esse dom, doutra espécie e muito superior, que é o afligirem-se com os aflitos e entregarem a Deus na oração «o pouco ou nada» que eles e qualquer de nós pode fazer.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Visitas de Amigos

SÃO frequentes as visitas de Amigos a nossa Casa. Vêm em grupo ou individualmente. As vezes são famílias: «Queremos mostrar aos nossos filhos...». Há uma sabedoria verdadeira em quem assim ensina. Dão uma volta longa. Gostam de conversar com os rapazes no desempenho das suas obrigações. Um deles vai e explica. Nada fica por visitar. De tudo é dada uma pequena explicação. O Bruno Breda é quem costuma guiar. No fim, uma carrada de parabéns; pelo rapaz e pela Casa. Gostam de observar tudo e todos: a renovação da casa, as nossas obras, a nossa piscina, as nossas hortas e oficinas, o nosso gado. Se são jovens o campo de futebol é uma atracção; se mais idosos, o largo das nespereiras com os seus banquinhos, para uma «charutada» ou merendinha à sombra.

Nestas visitas, feitas de pequenos encontros, Garrim, um pequenino de seis anos, há três connosco, aparece sempre para se enroscar no primeiro colito que encontra. E quando assim não acontece, é ele mesmo que vai por ele, sem-cerimónia, oferecendo ao seu semelhante, num sorriso lavado e puro, a carência de afecto que o seu coração pequenino esconde. Quem sabe se se dando assim, não oferecerá àquele que o acolhe uma oportunidade de encontro com Cristo Vivo: «Tudo o que fizeres ao mais pequenino...»

O Padre Américo chamava à Casa do Gaiato um Santuário de Almas. Quedo-me maravilhado diante destes encontros feitos, não apenas de amizade ou solidariedade, mas de autêntica Caridade cristã. A Obra da Rua nascida do coração de Pai Américo, na Igreja, oferece este espaço de encontro com a Caridade. É na Caridade que a solidariedade se exprime verdadeiramente.

A fé sem obras é morta

Nestas visitas apareceu um grupo de S. José. Gente de trabalho, modesta e cristã. Reunem-se semanalmente. Costumam recordar uns aos outros, no fim de encontros cheios de descobertas maravilhosas, que uma fé sem obras é uma fé morta... Souberam de algumas necessidades nossas. Sabiam da nossa cozinha. Há muito os afligia vê-la assim. Faltava muita coisa nela e agora ardera o fogão. Tivemos de mexer em paredes e chão e tudo o mais que foi preciso. Renovar, disseram bastas vozes. Disseram e comprometeram-se: «uma fé sem obras é uma fé morta...». Vieram em nome de todos com duzentos e quarenta contos. Ao saber do custo da obra e do que fica ainda por fazer, prometeram vir mais vezes. Querem mesmo propor ao grupo vir aqui uma vez por mês, para reflectir, rezar e meditar na vida que nos rodeia. Somos a Porta Aberta para todos. Mas para Amigos assim, nem com ferrolhos sonhamos.

Padre João

Jovens vicentinos

AMPARAR os Pobres ajuda a crescer na Fé. Parece mesmo ser a forma mais adequada ao desenvolvimento desta virtude teologal.

O Paulo chegou tarde à reunião da Conferência Vicentina de jovens a que assisto. Não fizera as actas das anteriores assembleias e as desculpas apresentadas não colheram. Ele próprio o reconheceu, com humildade transparente.

A malta gozou e brincou. Também se repreende a folgar.

Entretanto começou o relato de uma visita aos Pobres com o Tó-Zé.

Trazia notícias felizes da família que viveu na antiga espelunca da Rua Jacob Queimado e habita agora, por força da caridade, uma casa digna.

Até achou exagerado o esmero em que encontrou tudo. Com a alegria contagiante partilhou a sua comunhão com os Pobres.

Apareceram, também, os dois na casa da família do Monte Belo, onde mergulharam em enorme tristeza. O andar que habita, tem mais o aspecto e o cheiro de barraca pestilenta que de habitação humana.

Há cerca de ano e meio, remiu-se-lhes a água e a luz, cortadas; mobilou-se a casa com o indispensável e iniciámos um acompanhamento que esmoreceu.

A mãe de família é hábil em manobras e gosta de explorar, jogando com a sua necessidade e a compaixão de quem dela se aproxima.

Os jovens foram vítimas desta tendência muito comum em gente degradada. Uma moça desanimou e deixou, mesmo, a Conferência.

O Paulo mais o seu companheiro voltaram lá e trouxeram para a reunião a

SETÚBAL

sua amargura: — A mulher está grávida outra vez!... Os seis filhos não têm vida nenhuma: nem escola nem higiene nem regras. É o caos. O marido trabalha longe quando lhe apetece e arranja serviço e os filhos vivem como os passarinhos ou os répteis — à deriva.

Batemos no peito pelo nosso desalento, cruzando olhares de penitência e emenda.

Como se torna evidente a necessidade de um amparo contínuo e uma vigilância sem tréguas!...

Famílias assim, são como adolescentes, fixos, nesta etapa do crescimento humano, amarradas a uma puberdade psicológica sem saída, incapazes de ir mais além.

Se as largamos perdemos-se!... Os pais... os filhos e... ninguém dá conta. Vai tudo para a marginalidade.

O Paulo retinha-nos, agora, numa grande amargura!...

Como veio tarde... e... com tantas faltas, a brincar, «castigámo-lo» com a oração final: — Agora fazes, tu, a oração.

É bom gracejar com a «malta nova». Eles gostam e aprendem mais folgando, que a sério.

O Paulo concentrou-se. Fez-se um silêncio prolongado... Depois rezou: — «Obrigado, Senhor, por me haveres chamado a este grupo, por me dares a sentir a situação real dos Pobres, por conhecer a penúria e o desamparo deles, pois estas realidades ajudam-me a viver melhor a vida e... a crescer na Fé».

E mais e muito mais!

Rezou a sério. Nesta linha abriu ao Senhor o seu coração.

Não esperava tanta profundidade!

Saboreei um bálsamo que me perfumou por dentro e me elevou em jubilosa acção de graças.

Ele é um homem com cultura superior e vastas responsabilidades na Sociedade e na Igreja, mas nunca chegaria a uma análise tão séria da vida e da Fé e a convicção tão forte nas suas íntimas determinações, se não fossem os Pobres!

No fim de um ano pastoral a oração deste rapaz foi a maior recompensa que poderia esperar. Muito mais que cem por um.

Comungar com os Pobres

No princípio deste ano — chamado Internacional da Família — sugeri, n'O GAIATO, às comunidades cristãs, que se organizassem em grupos de três, quatro ou cinco famílias e adaptassem, para acompanhar e socorrer um lar destes, residente na

área do seu ambiente humano.

Não sei se alguma aceitou a inspiração. Para sofrer com os Pobres há sempre tão pouca coragem!...

Sinto que é condição essencial para comungar com Cristo, comungar com os Pobres! Não conheço outro Senhor, senão Aquele que sempre se põe do lado deles! Outros, podem ser muito atractivos, não são reais.

Todos os carismas, na Igreja, têm sempre como base a caridade. Sem ela... nada.

O Apóstolo Paulo contava que poderia falar a língua dos Anjos e dos Homens... Queria dizer, fazer grandes discursos, profundas exortações, em encontros, assembleias nacionais e internacionais, tirar as mais belas conclusões ou chegar mesmo às descobertas mais aliantes da teologia conjugal... Sem caridade nada é...

Pode o Governo fazer uma casa para cada família, em barracas; e, é necessário que o faça, como primeira prioridade, que sem famílias cristãs que acompanhem a maior parte das que vivem em bairros degradados não iremos longe.

A manifestação real do Amor de Deus, numa iniciativa desta natureza, terá o vigor mais expressivo da Fé Cristã.

Padre Acílio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (0 51) 752285 - FAX 753799 - Cont. 800768898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Julho: 73300 exemplares.